

UMA BIBLIOTEROGRAFIA DE UM *FLÂNEUR* DOCENTE: mapeamentos (po)éticos por uma escrita epistolar de uma experiência sensível de cuidado com o ser

Lucas Veras de Andrade¹

Resumo: O texto é uma experimentação, um mapa de afetos em que o autor num deslocamento de confluência, atravessado pelas diversas vozes que o compõe, apresenta a escrita de uma prática/pesquisa em biblioterapia. Provocações que misturam reflexões teóricas em meio a relatos, trechos de diário de bordo, literatura e imagem (artista *Vidi Descaves*) no curso de um processo formativo de professores. Para isso, é influenciado pela pesquisa qualitativa, guiado pelas pistas do método cartográfico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Nesse sentido, tem como aposta o seguinte problema: em que medida o encontro da biblioterapia por escrituras com professores, em sintomas de mal-estar docente, pode reinventá-los? Em meio a ele, tem-se como objetivo geral: situar em linhas cartográficas a sintomática do mal-estar docente, propondo uma vivência em biblioterapia na produção de um encontro, de modo a potencializar nestes professores alteridade. Nessa feita, toma-se como bússola a ideia de escrituras (Corazza *et. al*, 2014) para orientar o trabalho com a biblioterapia. Como pesquisa a ser narrada, aposta-se na escrita epistolar como modo potência para dar corpo aos contornos do vivido. Acredita-se que as escrituras em diálogo com a biblioterapia tenha contribuído para o desenvolvimento de afetos na experiência vivida pelos interlocutores, tornando o estudo/prática num espaço-tempo habitado com desdobramentos para supor reflexões para o tema, sobretudo, para a construção de vivências com a biblioterapia. Ao final, atesta-se a biblioterapia pela ação prática como experiência de leitura e espaço de cuidado (Caldin, 2010), no qual o sujeito pode cuidar de si, do outro, escrever-se, inventar-se.

Palavras-chave: biblioterapia; mal-estar docente; método cartográfico; escrita epistolar; experiência sensível.

¹ Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação da Informação e Circuitos de Formação Protagonista (GEMINFO) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Linha de Pesquisa: Mediação de leitura e formação de leitores. Professor da Educação Básica do município de Teresina (Piauí). E-mail: lukkandrade18@hotmail.com.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



UM TEXTO SEM FINALIDADE TEMPORAL, MAS COM LOCAL CERTO: INICIANDO A PROSA COM/SOBRE PROFESSORES NO TERRITÓRIO DA BIBLIOTERAPIA

Querido(a) leitor(a),

Intenciono neste estudo mais que uma escrita acadêmica, espero afetações e insurgências para outros modos de pensar e fazer o saber científico. Lanço-me ao desafio de uma escrita ao avesso, desviante, numa linha de fuga² do referendado estilo objetivo já cristalizado nos protocolos acadêmicos. Aqui dou contornos as palavras por uma experimentação que (re)configura a escrita por rastros inusitados, uma escrita sensível. Aquela que é desencatilhada, mais aberta e arriscada de um fazer subjetivo da linguagem “com um grau de exposição e “intimidade” afetivo-intelectual ainda pouco experimentado no ambiente universitário” (Guzzo *et al.*, 2019, p. 3).

Uma escrita que desterritorializa o modelo que aprendi a naturalizar durante meu processo de formação na pesquisa e escrita acadêmica, que trata de uniformizar a linguagem e normalizar o padrão de escrita na academia. Saliento que não existe da minha parte a crença de sobreposição de uma ou outra ou oposição dos contrários. Mas, a pulsão de que é possível extrair dessa dualidade sempre linhas de fuga, sugerindo contingências e possibilidades para além do que se é posto, institucionalizado para uma escrita convencional. Até porque nesse sentido, sou tocado pelo próprio tema do estudo, a biblioterapia, que ao ter na estética, na beleza poética a composição de sua feitura, acredito por isso, ser necessário um outro modo de dizê-la, escrevê-la. Exigindo para si, invencionices, suspensões de procedimentos fixos e imperativos, uma vez que seus movimentos são para práticas de liberdade.

Nesse sentido, trago à baila um modo escritural que convoca a diferença e faz referência ao que venho constituindo enquanto experiência prática com a biblioterapia, entrelaçando nisso, um tear de deslocamentos de criação. Para isso, aposto numa perspectiva qualitativa aliada a composição cartográfica, uma apropriação conceitual da filosofia de Deleuze e Guattari (1995), que busca fazer o caminho de pesquisa enquanto se caminha, construindo-se na relação com o próprio objeto, processualmente, seguindo pistas (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015) para dar conta desta

² Movimento capaz de provocar rupturas, descortinando pensamentos, espaços para novas configurações.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

empreitada. Tal perspectiva nos coloca (você leitor(a) e eu) diante do plano da imanência, do impensável, do novo, “que põe a escrita como uma política da existência” (Brito; Chaves, 2017, p. 167).

Ligado a estas ideias, peço que se atente ao sentido dado a palavra epistolar no subtítulo que encabeça este trabalho, pois é a forma que anuncio como devo escrever a você. Indica, que em essência, este texto é uma carta; sim, uma carta, e nela, lhe conto uma experimentação. Para tal propósito, tenho inspiração em Rezende (2019), mas, sobretudo, em Paulo Freire, uma vez que utiliza este recurso em muito de seus livros (Freire, 1978; 1995; 2000; 2015). Igualmente a ele, no que se denominou de “cartas pedagógicas”, busco aqui convidar você a atravessar junto a mim, pelas minhas ideias, por uma confabulação sobre a dialeticidade da prática na construção de uma teoria sobre biblioterapia. Penso também que minha escrita num formato epistolar sugere a ideia de encontro, não do achado de algo perdido, mas do inesperado.

Um atravessamento do encontro do corpo destas palavras ao seu pensamento, à medida que almejo que você leitor(a) não seja tomado(a) pela inércia e passividade de uma leitura mecânica. Já que uma carta, sobretudo, na dialeticidade de um saber pedagógico, como sugiro, segundo Silva e Lima (2020, p. 49) é “[...] portadora[] de sensibilidade e de sentidos de quem escreve e têm a intencionalidade de comunicar, a outrem, questões de caráter pedagógico”. Nesta ótica, relato uma experiência considerada por mim não só de (auto)formação, especialmente de elaboração teórica, como também de informação pedagógica (conhecer, entender e aplicar) para aqueles interessados na biblioterapia, em praticá-la.

Um conhecimento que venho desembutando das relações constituídas entre teoria e prática, das demarcações que assumo e venho compondo em cada uma delas. Pensando a prática como a melhor forma de se reconhecer uma teoria, e esta última, como a melhor forma de se aperfeiçoar a prática (Freire, 1995). Portanto, um convite a um encontro de atravessamentos recíprocos de afetar e deixar afetar-se. Uma atribuição de sentidos que podem ser concordantes ou não, o que não seria um impasse se assim o for, pois como aponto em estudo anterior (Andrade, 2018), as tessituras na biblioterapia estão na imprevisibilidade, no que pode ser (co)engendrado na troca.

Desse modo, biblioterografar (*modus operandi* de quando eu associo a biblioterapia ao método cartográfico) uma experiência e dar-lhe contorno epistolar, me admite dar corpo ao meu

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

pensamento e simultaneamente extrair desse lugar uma possível teoria, um agenciamento de que a biblioterapia é uma prática que incita ao movimento das ideias. Embora desviante numa tentativa de uma escrita sem um rótulo técnico, ainda sim são necessárias algumas marcas do cânone escritural institucionalizado. Digo isso, em função do próprio itinerário desta escrita, um texto científico – ensaio, que exige a forma como delineio o caminho desta prática/pesquisa, o que eu objetivo com ela, assim como a apresentação do corpo teórico alimentado por referências para nutrir o corpo desta escrita. E, por consequência, nossos corpos enquanto mentes pensantes, o que faz com que tudo aqui defendido também esteja ligado a esses princípios.

Assim sendo, advirto-lhe que faço uso de citações, talvez elas apareçam sem nem mesmo serem pré-anunciadas, como já deve ter percebido. E ao referenciar essas vozes é possível a quebra da espontaneidade de nossa conversa, mas as aprecio uma vez que alongam o meu discurso ao me possibilitarem argumentar também por elas. Nesse sentido, me cabe apresentar daqui em diante as potências que me fizeram dar corpo a esta prática/pesquisa.

Tudo partiu do campo da formação de professores, especificamente na formação continuada de língua portuguesa da secretaria de educação na qual sou/estou vinculado como docente efetivo³, voltada para a preparação de alunos do 5º ano das séries iniciais para a Prova Brasil⁴ no ano de 2019. Onde eu, num movimento triplo, ora cursista, ora formador de professores, ora pesquisador, vi neste deslocamento uma oportunidade na condição de formador propor um ato formativo/interventivo com a biblioterapia.

E, por ela, numa compreensão de prática reflexiva, formativa (Seixas, 2020a) por meio da leitura e escrita, observar e expor corpos docentes frente a linhas e forças que os (nos) atravessavam num movimento para a alteridade. Outros modos que não aqueles que submetem os professores e que se apreende ao longo das andanças para aquele território (técnicas de poder responsáveis por homogeneizar práticas que tiram a autonomia docente e reduz o trabalho à reprodução passiva, o que modifica a experiência do que é ser professor). Provocar trincas, suscitar aberturas e porosidades às composições.

³ Secretaria Municipal de Educação de Teresina, Piauí.

⁴ Avaliação censitária realizada nas escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal que objetiva avaliar a qualidade do ensino.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Para isso, me assumi cartógrafo, na verdade biblioterógrafo, um deslocamento do ato de biblioterografar, condição já afirmada. Um biblioterógrafo costureiro, entrecruzando linhas, já que me atravesso as histórias intervindo/compondo a partir do outro e dos efeitos da minha presença em um campo. Desse modo:

[Intervir] exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas (Passos; Barros, 2015, p. 30).

Para dar conta da minha postura assumida, adotei diferentes procedimentos numa dimensão aberta, uma vez que “o ato de cartografar nos coloca na condição de um pesquisador-estrategista, que necessita pensar em arranjos o tempo inteiro, que traça diferentes estratégias e que refaz seus passos a partir dos movimentos do campo” (Mendes *et al.*, 2019, p. 354). De início tive na produção escriturária de um diário de bordo, a bússola inicial para a produção de dados e guia da minha atenção para rabiscar o meu olhar e os primeiros contornos da paisagem - formação.

Antecipo-lhe que minha incursão nesta paisagem de imediato não estava detida de uma potência que norteasse minha atenção. Não tinha uma questão a apostar como ponto chave e que pudesse pensar como ponto crítico e para lidar naquele local. Assim, fui surfando na sua movência, num traçado instigante, como *flâneur*, entendido como “uma atitude que influencia a forma de percepção que o observador — pintor, músico, filósofo, etc., — tem de seu objeto [...]” (Sales, 2008, p. 103).

seu olho aberto e seu ouvido atento procuram coisa diferente daquilo que a multidão vem ver. Uma palavra lançada ao acaso lhe revela um desses traços de caráter que não podem ser inventados e que é preciso captar ao vivo; essas fisionomias tão ingenuamente atentas vão fornecer ao pintor uma expressão com a qual ele sonhava; um ruído, insignificante para qualquer ouvido, vai tocar o do músico e lhe dar a ideia de uma combinação harmônica; mesmo ao pensador, ao filósofo perdido em seu devaneio, essa agitação exterior é proveitosa: ela mistura e sacode suas ideias, como a tempestade mistura as ondas do mar... (Benjamin, 2018, p. 756).

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Nesse intuito, a atitude de *flâneur* se caracteriza pela percorrencência e a maneira observadora de escavar o invisível e imaginar suas possibilidades. Nisso, enquanto operador cognitivo para as questões aqui trazidas, me ajudou a tomar os sujeitos e os modos de vidas habitadas na formação como espaço de análise e interlocução. E apontar que “um problema [...] vai se tecendo no entrecruzar da discussão [...] com a experiência concreta de habitar um território existencial singular” (Alvarez; Passos, 2015, p. 131). Então, para a redação desta experiência, pesquisa, vivê-la foi uma condição essencial, pois é a partir do que se vive, vê e ouve que se fundamenta o acontecimento e, portanto, um objeto para se deter.

Como professor em processo formativo ali, deveria estar atento as construções formativas propostas, mas ao me ver em meio a ecos opacos, padronizantes, usei a escrita para escapar, linhas de fuga sempre presentes em mim para delinear o que penso. Captei com isso, vozes, gestos, pessoas, histórias, acontecimentos e imagens, tentando ligar pontos, pedaços e pontas numa tentativa de transformar discursos em ideias.

Assim, ao longo do ano ali em habitação, dei corpo aos verbos a partir de agenciamentos à medida que me vi, vivi e fui exposto junto a uma média de outros trinta professores, a estar em um lugar comum e que visivelmente sentia a potência dos nossos agires serem diminuídos. Como apresento a seguir:

Pauta do dia – Análise de Resultados do Simulado 3. Nossa formadora fala que os resultados foram abaixo do esperado. Logo após, entram duas gerentes que se unem de modo a ecoar mais intensamente, o já discurso do baixo resultado. “É preciso intensificar a leitura, propor mais atividades, fazer com que esses meninos leiam, leiam e leiam” – diz uma. A atmosfera do dia foi intensa e tensa. Do início ao fim tive a impressão de uma chamada de atenção. Uma cobrança por melhores resultados. Cobram resultados, mas não inovam e nem dão condições para novas práticas e práticas mais eficientes. Sutilmente, insinuam que fabriquemos máquinas do aprender. O discurso é avançar. Repetidamente a palavra avançar foi emitida. Diante de resultados relativamente baixos, avançar, avançar, avançar deixou muitos colegas cabisbaixos. A Professora F⁵. chorou. É difícil ver uma colega chorando e não me atravessar a sua dor (Diário de bordo do pesquisador, 22 de maio de 2019).

⁵ Todas as marcas de identificação dos interlocutores apesar de autorizadas, serão mantidas em sigilo por se tratar de um aspecto ético da pesquisa.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

A cena descrita me convoca a pormenorizar a você leitor(a) o território acima, de modo a ampliar sua compreensão. O contexto da minha escrita parte de uma *Turma C*, nomenclatura que definiu no ano de 2019, professores com turmas abaixo do básico em aprendizagem na referida formação. Turmas estas que não foram resultado do trabalho destes professores especificamente, mas fruto das várias questões que norteiam o aprender (aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, emocionais e familiares) que implicam para que estes alunos apresentem déficits de aprendizagens e fiquem pelo caminho dessa longa estrada, realocados em turmas de correção de fluxo: *Se liga*⁶, *Acelera Brasil*⁷ e *Projetos de Alfabetização*⁸.

E, é nesse “entremeio” que me encontrei, nos encontramos enquanto coletivo – Turma C, na reinserção desses alunos nas turmas de origem ou reinturcação. Que deveriam estar “corrigidos”, mas não! Lógico que existem exceções, porém, muitos permanecem, embora com avanços na mesma condição. Voltam para as salas regulares, com currículo regular; diferenciado dos projetos que evidentemente alargam e perpetuam ainda mais as desigualdades destes com os alunos que ao longo de suas aprendizagens permaneceram nas salas regulares.

Então, como avançar nesses resultados? Pode eles (os resultados) serem diferentes se pensarmos na padronização de um planejamento, de uma formação para aprendizagens, currículo e métodos de ensino para estes alunos, comparando-os a aqueles que mais que alfabetizados tiveram a oportunidade de permanecer no currículo de conteúdos regulares, e desde então, lançados e direcionados a preparação da prova em questão?

São questões que aqui não farei corpo, deixarei em latência, mas que se soltaram da cena observada pelas fissuras, fendas do acaso, da fala e insensatez da cobrança do avançar e de uma formação que ao tempo que “*enche*” também esvazia estes professores de um saber acumulado. E faz disso, modos de ser e fazer mediados por um “*expert*”⁹, acabando por limitar ou mesmo extinguir o controle desse professor sobre sua própria existência docente. Deixando-o muitas vezes

⁶ A proposta se destina a estudantes não alfabetizados e em estado de defasagem idade-série matriculados do 3º ao 5º ano do ensino fundamental (Instituto Ayrton Senna, 2022a).

⁷ Acelera Brasil promove a recuperação da aprendizagem de alunos com distorção idade-série matriculados do 3º ao 5º ano do ensino fundamental (Instituto Ayrton Senna, 2022b).

⁸ Projeto paralelo, onde o aluno estando na sala regular frequenta-o no contraturno escolar.

⁹ Especialista, fonte reconhecida em alguma técnica, cuja habilidade está na sua capacidade de julgamento correto, o que lhe confere autoridade.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

alheio, que sob minha percepção configura-se como um indicativo de que por essa composição a educação se fragiliza e possivelmente adocece (Andrade, 2012).

Flanando ainda sobre este território, continuei a estar com minha atenção em movimento, seguindo traços, percorrendo-o sob os rastros de um pesquisar que “se faz nos efeitos do campo em nós (pesquisadores-cartógrafos) e nos efeitos no campo da nossa presença-intervenção” (Pozzana, 2013, p. 326), implicado em acompanhar processos. Nesta imbricada, fui lançado a cena seguinte, um sonoro redundante que se une a anterior na qual mostra um reclamo, mas agora, na voz do professor diante das cobranças por resultados:

Aqui só se fala em resultado, em avançar. Mas, eu digo que é muito difícil a conquista se eu estou só. Aqui existe uma cobrança grande que muitas vezes sobrecarrega o professor. Não consigo me concentrar, estou cansada. E, aqui, estou extremamente irritada porque só se fala nisso. Cobrança aqui, cobrança na escola, sou frequentemente chamada atenção e o pedagogo, diretor não fazem nada. Se eu mando um menino para que façam teste e acompanhem a leitura dizem que não os deram essa recomendação aqui. Fica difícil. Ser professor é trabalhar sozinho? (Diário de bordo do pesquisador, Fala da professora V. 19 de junho de 2019).

Meu ato *flâneur* em dezessete cenas do território aqui exposto, interconectando-as de um ponto a outro em deslocamento constante, numa multiplicidade de olhares e vozes, estará recortado aqui em duas, em virtude da repetição de ideias e por achar que estas constituem potências disparadoras de problematizações na qual corporifiquei minha experiência neste espaço. Ao percorrer os rastros deste caminhar, observei o partilhado de um comum produzindo visibilidades, conexões e atravessamentos de um operar/fazer/compor existências. Considerando o encontro com o coletivo, atentei a questões que se repetiam, embora as vezes num tom individual, ao longo do ano se apresentaram num atravessamento coletivo nos vários corpos que se encontravam naqueles encontros.

Habitando com eles (professores) o ambiente da formação, engendr(ei)amos composições de ser/estar juntos que nos possibilitou o partilhar de um conjunto de questões, tensões, revides, dores, linhas duras no olhar sobre professores e uma perturbação docente em se fazer questionar o seu saber/fazer. Mal-estares que cada vez mais se solidificam e habitam no território de atuação e no movimento de se tornar/ser/estar professor e na paisagem daquele espaço, principalmente, nos já

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

em processo de aposentadoria, como visto no discurso da professora **M**: “*É interessante perceber que eu enquanto peça da engrenagem não estou mais servindo*” (*Diário de bordo do pesquisador*).

Porém, é desse lapso impiedoso do/no tempo que busco escapar em meus agenciamentos de linha de fuga, uma vez que as formações ao longo do tempo, a meu ver, já não alcançam o objetivo: De o professor querer se apropriar daquele espaço enquanto ambiente formativo e relevante para sua formação. O que resta delas, pelo menos até agora, num percurso de treze anos neste itinerário, são apenas as repetidas cobranças, o clamor por resultados mais significativos, a fadiga e uma angústia como apresentado nas cenas que nega o plano da transformação nos docentes e que impede o movimento.

Desse território obtive uma leitura de mal-estar docente¹⁰ que diz como so(u)mos visto(s), nomeado(s) (é a partir dos resultados que se confirma o mau ou o bom professor). Uma paisagem “mantida [] por mecanismos de controle sempre disponíveis ao reconhecimento [...]. [Que] Impedem a irrupção do novo porque o que está em jogo é a reprodução de territórios e a manutenção deles” (Costa; Amorin, 2019, p. 918). Forças circulantes que acometeram e agrediram o professorado no cotidiano da profissão e que naquela vivência impediam o movimento, obstruindo saídas, de modo a dificultar o encontro com o imaginário de ideias que transcendem seu momento atual e seu processo de virtualização, sua desterritorialização.

Apesar de orientar esta escrita a partir das coordenadas destas duas cenas, articulei-me a diferentes fragmentos de outras, seguindo sintomas, pistas de uma docência em dor, da desconfiança do fracasso, prolongando-me como extensão de cada segmento desse território. Por meio destes fatos, da descrição das cenas aqui expostas, da vivência durante o ano com os colegas acompanhei o que me tocava.

Nisso, na condição de formador, como já posto, pelo desgaste e por sugestão da gerência de formação foi proposto oficinas onde os professores cursistas apresentassem na condição de formadores experiências que contemplassem os anseios dos professores. Confesso que algumas se desenvolveram no mesmo ritmo da formação oficial, num desenrolar tenso, numa exposição que pouco ou quase nada contribuía para reverter o estado de mal-estar docente. Então, ao ser solicitado

¹⁰Sentimentos negativos desenvolvidos por docentes que fragilizam sua identidade profissional, oriundos principalmente do desequilíbrio entre a atividade que exercem e as imposições sociais, entre elas, a alta exigência de desempenho, o que causa desgaste físico e emocional (Esteve, 1999; Andrade, 2012; Andrade; Santos; Lima, 2018).

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

para o fechamento anual da formação, estando em curso na produção de uma pesquisa sobre mal-estar naquela paisagem, mas não com aquele núcleo de professores, pensei de imediato situar estas linhas e propor a produção de um encontro de modo a potencializar neles invenção e alteridade.

Nesta situação, estando vinculado a um grupo de pesquisa¹¹ e promovendo práticas a mais de sete anos no tema da biblioterapia, me provoquei a pensá-la no modo e em que medida o encontro dela com aqueles professores poderia tornar-se em ato de invenção, criação. Fui convocado e aguçado por tais questões a experimentar novas formas de atuar, delineando caminhos que apesar de visíveis eram desconhecidos em termos de tratamento, condução das questões observadas e os efeitos delas em mim. Me (re)posicionando enquanto tema e experiência naquele espaço na condição de professor, formador, mais acima de tudo, pesquisador.

Levando em consideração o espaço de amarra curricular (formação), as cobranças da mesma por resultados e o pouco espaço de diálogo (pensamentos e leituras sobre os sentimentos dos professores acerca deste panorama e vivências) apostei em escrituras¹² (Corazza *et. al*, 2014) por vias biblioterapêuticas como disparadoras e problematizadoras da docência em meio aquelas condições. Caso desconheça o que seja a biblioterapia, Caldin (2001; 2010), autora de maior visibilidade no tema no Brasil, a apresenta como uma leitura grupal, dirigida, de cuidado com o ser que instiga a interação entre os indivíduos, direcionando-os a expressão das sensações, angústias e anseios. Nesse sentido, a leitura e o diálogo são o convite para a conexão entre pessoas com as palavras, com os textos e as diversas linguagens.

Como Caldin, Seixas (2020a, p. 243) reafirma a ideia de cuidado ao apontá-la como “a utilização da palavra a serviço do cuidado”. Sim, cuidado! À medida que se provoca uma troca consentida e compartilhada da palavra, de vozes, a conexão e atravessamento das experiências. É dessa interlocução que se promove a função terapêutica da prática, já que o eu, o outro, o nós, se tocam, se ouvem, e conseqüentemente, se cuidam (Caldin, 2010).

Aqui abro um parêntese necessário, diferente da terapêutica médica e psicológica que trabalham no traçado de um diagnóstico e aplicação de (psico)terapia(s), a terapêutica sob o campo

¹¹ Vinculado à época ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (GEPeBiC), ligado à Universidade Estadual do Piauí (UESPI), extinto em 2023, atualmente sob a nomenclatura de Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação da Informação e Circuitos de Formação Protagonista (GEMINFO).

¹² Prática de leitura e escrita inspiradora de ideias capaz de produzir a diferença.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

da Biblioteconomia, e aqui sob o foco da educação, denominada de Biblioterapia do Desenvolvimento (Caldin, 2010) na qual atuo, tem na fruição de leituras sua seara de atuação. Dessa forma, a intenção é “criar realidades mentais, através da memória e imaginação, para divertir-se, ausentar-se de uma situação desfavorável e imaginar outra” (Seixas, 2014, p. 69).

Nesse sentido, sim, eu sou um professor da educação básica e bibliotecário que cuida das pessoas através da leitura, especialmente alunos e professores. Cabe ressaltar que o terapêutico da leitura não é limitado a uma tipologia de linguagem, quanto a isso Seixas (2020a) afirma que não cabe ao verbo ler imposições, o limiar é sempre propor, sugerir. Ancorado nessas ideias, imergi na produção de uma pauta formativa focada na escuta solidária e na leitura biblioterapêutica, que convoca o leitor a extrapolar as significações do mundo, sempre num curso para outro dele mesmo.

Entendendo que se o fazer educação nesse um ano para estes professores esteve sob o controle, cobrança e na padronização, era, portanto, oportuno se criar um espaço-tempo para a leveza, imaginação e sensibilidade. “Não se tratava apenas de manter uma forma de existência dada a uma professoralidade, mas de um processo que proporciona[sse] encontrar brechas de respiro” (Schwartz; Rodrigues, 2019, p. 9). Assim, planejei uma vivência cujo objetivo esteve focado em provocar rupturas das sensações sentidas ao longo do ano a partir da produção de escrituras. Criar um espaço de acolhimento para dizer aquilo que por vezes se emudeceu e despotencializou a ação docente no seu fazer cotidiano, rompendo-as.

Então foi chegado o dia, exatamente, 11 de dezembro de 2019. Cheguei bem antes do horário de entrada dos professores, intitulei o encontro de “*BIBLIOTERAPIA: VAI UMA DOSE AI?*” projetado em letras garrafais na parede da sala na qual me foi ofertada para aquele momento. Também levei livros – literatura infantil, livros de imagens, quadrinhos, balões, brinquedos na qual dispus no formato de mandala. Coloquei em cartões coloridos virados, falas que ao longo do ano foram observadas nas formações em cadeiras aleatórias, tudo isso com fundo musical de *Faded*¹³ (Walker, 2014), música que na tradução para o português significa fadado. Havia também nos cartões, estrofes da música que remetiam a cartografia sentida nas distintas existências que ali comigo (co)habita(ram)vam.

¹³ Música escolhida pelo efeito emocional que a letra poderia ocasionar no grupo de professores. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=IgCphQCKHSk>.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

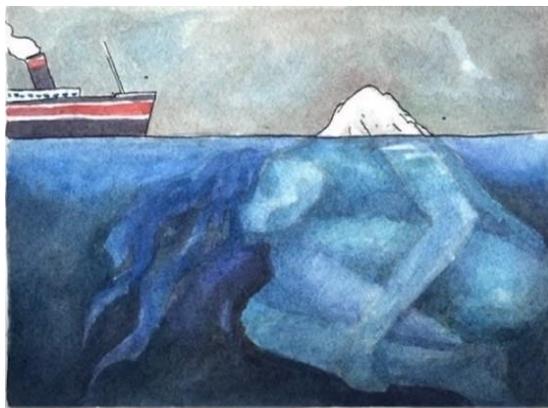
Uma vez com o grupo formado, apresentei-me, abreviadamente expressei minha relação e experiência com o tema e de imediato comecei a travessia, aquela aventura. Apesar de um objetivo delineado, posto como ponto-chave, decidi tê-lo apenas como ponto de partida, apostando na movência, no acontecimento. Privilegiando o encontro, dando passagem a percepção, afetos e as palavras que seriam produzidas e lançadas. Aqui retomo ideias cartográficas, pois enquanto biblioterógrafo naquele território minha tarefa era:

[...] dar língua para afetos que pedem pas-sagem, pois dele se espera que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik, 1989, p. 15).

Por esta conjuntura, o ato de cartografar (de)marca o aspecto estético concernente a mim enquanto sujeito pesquisador (apreender a paisagem através dos sentidos), pois me arremessa na aventura do dinamismo do pensar e faz com que o eu se arrisque nos limites da travessia dele. Aspecto que me faz residir em zonas fronteiriças do que é obscuro, desconhecido, experimentá-lo e vivenciá-lo. Nesta aposta, permiti que os professores se acomodassem, tivessem contato com os livros, que escolhessem alguns para folhearem, mantendo os cartões virados. A intenção era entusiasmar, criar curiosidade. No entremeio dessa rota comecei a declamar o poema “*Muitas Vozes*” (Gullar, 2002), ao tempo que também apresentava imagem de autoria de *Vidi Descaves*, como demonstrada a seguir:

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

IMAGEM 1: 18.4.2013¹⁴.



Fonte: Descaves (2013).

Utilizei o poema em diálogo com a imagem, inicialmente, para fagular os primeiros pensamentos do grupo, abrir falas como narrativas acontecimentos, a conexão para introduzir o tema do mal-estar vivido na formação. Ao tempo em que se tinha com a imagem a intenção de expressar o quanto do sujeito fica submerso em si ao não se revelar por falta de expressão e acolhimento em algumas situações (Seixas, 2018), a escuta do poema de Gullar (2002) os convocava a falar, como pode ser observado nas estrofes a seguir:

*Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes
arrasta em alarido.*

*estamos todos nós
cheios de vozes
que o mais das vezes
mal cabem em nossa voz
[...]*

*Tudo isso em ti
se deposita*

¹⁴ Título do autor, encontrada na página *on line* do artista - *Instagram taste.quiet*.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

*e cala.
Até que de repente
um susto
ou uma ventania
(que o poema dispara)
chama
esses fósseis à fala.*

[...]

Seguindo os rastros destas duas leituras, introduzi Mel, personagem de Furnari (2003) no livro “Nós” para fecundar mais ainda as ideias. O texto narra a história de Mel, uma garota diferente, nascida em Pamonhas. Para onde ela fosse era rodeada de borboletas, o que gerava estranheza, muitos risos, piadas e brincadeiras de mal gosto por parte dos outros habitantes da cidade. Mel em sua sensibilidade, ao se deparar com estas situações e ouvir tudo, sentia vontade de chorar, porém, ela falava para si que não choraria, sempre saia correndo cheia de mágoas. Contudo, em tanto represar seus sentimentos, um dia algo estranho aconteceu: criou nós de marinheiro por todo o corpo.

Não finalizei a história, a intenção era compor a partir dali pontos de análise e os sentidos produzidos pelos professores a partir da escuta dos textos. Sem muitos entendimentos por eles, do sentido dado a proposta daquelas leituras, um burburinho foi sentido: *Que formação é essa? Fala de que conteúdo? (Diário de bordo do pesquisador)*. Estar à frente de uma formação e não atuar protocolizado, seguir roteiro pautado em atividades curriculares ligada ao contexto de sala de aula e aluno, é vestir-se de Mel, como em Nós de Furnari (2003), em meio as suas borboletas. Gera estranheza a quem é tão acostumado com a rotina formativa até então institucionalizada. Nisso, prossegui lançando mais uma vez Gullar (2002):

*Meu poema
é um tumulto, um alarido:
basta apurar o ouvido.*

Depois deste momento inicial de leituras, pedi que aqueles professores que estivessem diante dos cartões virados emitissem as narrativas contidas neles, levantando a mão para dar ordem

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

aos discursos. Ao som do primeiro, um silêncio póstumo e entreolhares, e assim, a cada nova leitura o tempo do silêncio parecia se alargar cada vez mais. Cabe lembrar que estavam além da formadora oficial, duas gerentes de ensino, e que apesar da consciência dos objetivos daquele momento, com o inesperado dos acontecimentos, eram sabedoras que havia a possibilidade de que houvesse algum embate com a cachoeira de discursos que ali se provocava.

Nisso, é preciso advertir que o pesquisador/mediador em situações nessas dimensões precisa ter clareza do ponto da sua perspectiva metodológica, aqui como já posto, a cartografia, de que compor sob essas características não lhe confere a condição de opositor nem depreciador. Exige somente um movimento recíproco de afetações, armar-desarmar-rearmar da ação nos pressupostos do que o outro traz e da nossa presença nos espaços.

Ter/ouvir a leitura dos cartões pareceu a partir dali ser o fio condutor para os apontamentos dos nós sobre as questões pautadas por aqueles professores ao longo do ano sobre suas condições de atuação e seus desprazeres com aquele espaço formativo. Clarificando a partir disso, na perspectiva de um professor ao mencionar “*Agora entendi de que nós os textos estavam falando*” (***Diário de bordo do pesquisador***), de que a imersão nos textos lidos e vistos ao iniciar a formação, nada mais era que uma forma de (re)visitar estas marcas e ligação das histórias.

Interessante conexão a este aspecto Seixas (2020b) nos apresenta, segundo ela, se algo que dói no ser é dividido nas/com vozes de autores, são páginas e capítulos lidos e folheados de nós mesmos indiretamente. No conjunto das palavras e letras das folhas dos escritos estão “[...] vozes. Cada página é uma caixa infinita de vozes. Ao lermos não somos o olho; somos o ouvido” (Couto, 2015, p. 229).

Ao criar-se espaço para escuta, aos poucos os professores começaram a recitar a professoralidade enquanto corpo naquele espaço, desejos e dores. Modos de existências em meio a desafios, lutas, opressões, mas também, sob apostas para firmarem-se enquanto profissionais:

Aqui só se fala em resultado. Pois bem, muitas são minhas marcas, meus nós. Começo dizendo que nem sempre é possível fazer o que se gostaria. Qual professor não gostaria de conseguir que todos os seus alunos fossem bem-sucedidos? É preciso ser consciente que cada um também é responsável pela sua trajetória. Aqui estamos a frente de salas que a grande maioria dos alunos são crianças e os pais são os responsáveis. O fracasso de uma criança é o fracasso de uma família. A

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

*escola dá todo o suporte – aula: manhã/tarde, todos os horários possíveis. Se não se consegue avançar, paciência! Aqui tem-se a convenção de se dizer que temos que trabalhar apenas o aluno porque a família não ajuda. Tiram essa responsabilidade deles e colocam na gente. Mas, será eu, professora a dona dessa conta? Às vezes me sinto sugada, cansada. Aqui me ensinaram a ser mãe de aluno, cuidadora, psicóloga. Achem que temos que fazer tudo sempre! O sistema também tem sua parcela de culpa, avançar alunos que depois vão ter dificuldade, algo que não deveria existir. Fora tudo isso, tem a diversidade de outros problemas e o sistema não dá conta. Somos nós que estamos diretamente com o aluno e somos sugados... será que somos nós que temos que “resolver” tudo? Aqui veladamente somos crucificados e os que nos crucificam não estão em sala de aula. Não sabem o que se passa no cotidiano de nossas salas e as nossas lutas diárias para conseguirmos o mínimo. Sinto que ser professor é estar todo o tempo com a faca no pescoço. E, o pior, aqui, não se tem a decência de nos fazermos ter a sensação de que somos incompetentes. Sinto minha identidade profissional confusa. Faço o que eu posso e aposto no óbvio. Se a criança não desenvolveu as habilidades mais complexas, mas entra ao final do ano na sala dando bom dia, já me é suficiente, em virtude de como nossa realidade é (Professora M. S. - **Diário de bordo do pesquisador**).*

Apesar de um recorte do coletivo, uma marca simbólica de uma narrativa individual, o discurso acima traz semelhanças e aproximações de um eco do grupo. Representa o contorno do mapa traçado, uma topografia geográfica daquele território, cujas coordenadas cartesianas localiza pontos que se interconectam rumo a uma direção: o esculpido coletivo das redes de mal-estar docente. Nessa travessia, foi possível produzir visibilidades sobre muitas questões: o modo de compreensão do que é ser professor, aspectos que desconsideram a movimentação da ação na cotidianidade e que precarizam as formas destes professores continuarem a se desenvolverem. Mas, sobretudo, pontos sobre aquele território enquanto articulação formativa.

Se ocupar prioritariamente em metas, resultados e ações programáticas, pré-determinadas pelo plano curricular, em prejuízo a questões também importantes, como as sensíveis (lutas, resistências, histórias de vidas, sobrevivências na educação), tendem a negar, não abraçar e reconhecer outras possibilidades destes professores: conexões, experiências e invenções. O que de certa forma impede novas composições sobre o plano de criação, já que os “desqualificam” pela racionalidade dos números, do ranqueamento que prevalece e predomina na rede educacional que tende a moldar como deve ser a vida de atuação docente.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Nesta atualização - modos de ocupação de si e do outro, e apesar de alguns revides (gerentes de educação), finalizamos este momento de partilha inicial nas trilhas de Furnari (2003) sob o *surf* da personagem Mel. Assim como ela, no encontro com o menino da bicicleta, identificando e dividindo suas bagagens de nós e angústias, pudemos provocar atravessamentos, um espaço que Ranciére (2009) delimitou como fábrica do sensível. Momento de humanização em conjunto, onde se expôs o pensar sobre determinadas dificuldades enquanto grupo. E, assim, provocar o cuidado desde então objetivado, uma vez que foi criado espaço de escuta sensível e presença de estar com e acolher o outro.

Partilhando desse comum, lançamo-nos na produção escriturária consolidando o que ao longo da travessia até aqui denominei de escrituras, um modo de ler e escrever em meio à vida, a partir da postura coautoral na intersecção: leitor/autores. Escrever como resultado de um exercício de pensamento (Corazza, 2007), e por ele, suscitar aberturas aos discursos e narrativas já instituídos. Conectando todos os pontos possíveis, de modo a visualizar composições, criando outras saídas, um trajeto que incitasse naquela docência, naquele espaço, processos de resistências sobre aquilo que fragilizava o eu enquanto docência, uma nova cartografia de ser professor, quem sabe mais sensível, justa e solidária.

Nesse sentido, ao som de *Say Something* (Axel; Vaccarino; Campbell, 2014), na intenção de se criar uma áurea de acesso psíquico e de um desbloqueio daquela territorialidade opressora, pedi que os professores escrevessem em meio àquela sintomática tudo que tenha gerado angústias, mal-estares, sensações ruins ao longo do ano sem a preocupação de uma exposição. Um mapeamento manifestado no empreendimento das idas a formação, da fusão de vozes provocadas e em nome próprio.

Foram produzidos dezessete cartões escriturais, alguns lidos no coletivo, outros não, mas todos descartados no lixo da sala. Um movimento de deixar para trás qualquer aprisionamento que pudesse comprometer o professor que precisamos e que (se) consegu(e)imos ser: nem pior, nem melhor, apenas outro. Produziu-se ainda cartas, cada um para si, na esperança de se projetar num ato inventivo, o professor que se gostaria para o próximo ano letivo.

Ao final foi produzida uma carta a muitas mãos (coletiva) para criar um atlas de afetos sobre a experiência vivida, criando pontos de intensidades da experiência estética, de expressão,

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

cuidado, conhecimento de si e do grupo. De modo, a comportar elementos subjetivos da complexidade de ser professor, compreendendo o coletivo, aquelas atividades e o encontro como produtora de marcas e acontecimentos na/da vida. Mais um espaço de acolher, produzir, compartilhar emoções das situações acontecimentos e da escuta das histórias desses professores, como pode ser visto a seguir:

Teresina (PI), 11 de dezembro de 2019.

Caros Amigos,

Ser C não nos CLASSIFICA, não nos CONDENA, pelo contrário, ressalta um COMPROMISSO: o trabalho com o CONHECIMENTO daqueles que vão ser sempre o CENTRO do nosso trabalho. Porque aluno é aluno, independentemente de ser de professor A, B ou C. Talvez vivermos o C hoje, seja um CHAMADO, um CONVITE para reafirmarmos o CONCEITO sobre nós mesmos: Somos fortes. Nunca esqueçam disso!

Se fosse desejar um professor de nós mesmos para 2020..., se olhem da mesma forma. Desejem os mesmos alunos. Que por mais desafiantes que foram e estão sendo, ainda assim são CAPAZES do abraço sincero, do dito que somos os melhores professores do mundo e etc. E, partindo deles, deixamos de ser C e ganhamos o ostentado A. A de amados, amigos, apaixonados pelo que fazemos, afetivos. E ser C hoje nos mostra o quanto somos A, afortunados.

Desejaríamos os mesmos alunos a vocês meus caros. Não para estarem no C sob os olhos dos que nos classificaram, mas porque o que vai ficar neles de vocês foi o quanto foram capazes de impactar suas vidas. E, deles em vocês, o acalento com que foram capazes de atravessá-los. Isso é uma narrativa inefável. E, se tivermos aqui, ano que vem novamente, o prazer será o mesmo. Eu não sei vocês, mas tirando os dias em que estive cansado, dormi mal, estive doente, fiz das quartas feiras dias desejáveis. Dias que acolhi, fui acolhido, mas, principalmente, na voz da A. K., me sentia mais professor, voltando para a escola com a sensação que tudo entraria nos eixos. Quem aqui não lembra do conselho que ela nos deu: pediu calma nesses últimos meses, de que a aprendizagem é processo?

Então meus ilustres, desejaria que em 2020... que permanecessem os mesmos. É essa capacidade de sermos nós mesmos que nos torna seres únicos. Gostaria que seu J. continuasse a contar suas histórias. Reitero o poder que elas têm e do quanto elas são aliadas do professor. Que a professora F. continue a emanar sensibilidades com elegância. Esse texto é resultado em nós desse atravessamento, mais que cunho emotivo, é aprendizagem: cara, rara e necessária para todos nós.

O que falar do caderno de planejamento mais falado da J. da turma? Tem como pedir que ela seja de outra forma? Se tem como alguém ser melhor, eu indico que seja a primeira pauta do próximo ano. Acho que não! É ser muito boa nisso. Os que não foram citados continuem os mesmos. O sol é para todos...

Cursistas.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Em algum momento da leitura do texto acima vai perceber que ora a potência verbo ganha corpo na primeira pessoa, ora na terceira. Esse traço escritural pressupõe a dissolvência estanque de posicionamentos e uníssonos característica da narrativa cartográfica. A carta sendo elaborada a várias mãos, produzida pelo recorte de afetos a partir de envolvimento diferentes, compartilham uma experiência comum. O desafio conferido a mim, na corporificação enquanto pesquisador/escritor foi a manutenção das particularidades de cada sujeito interlocutor e seu engajamento com a experiência, por isso, não optei na padronização acadêmica. A intenção maior era a produção dos sentidos conferidos a ela, o traspasso das zonas fronteiriças na intenção de redirecionar o professorado para novos devires.

Apesar de um produto acabado, a carta elaborada comporta em si uma força e potencial que não podem ser descritos no texto finalizado e nem aqui para sua leitura; infelizmente. Essa dimensão é apreciável apenas na condição de vivência, que foi experimentado quando na sua feitura em tempo real e leitura dela para todos ao final da formação. Quanto a isso, Seixas (2020b, p. 43) demonstra que “[...] cada encontro é um acontecimento único, que jamais poderá ser reproduzido”.

Aqui fica apenas a semente por ela de uma fecundação próspera de acolher e produzir afeto por meio das palavras e leituras, uma vez que participaram deste momento profissionais em condições diferentes: professores, formadores e gerentes educacionais. Condições essas que nesta travessia foi geradora de embates e revides, mas que ao se possibilitarem escuta, ao se colocarem em suas diferenças, acolheram-se, promoveram bem-estar.

Dando contornos de finalização, é preciso que eu diga que numa prática biblioterapêutica, aqui numa biblioterografia, os atravessamentos produzidos nunca estarão acabados, sempre continuarão em processo. Uma vez que uma leitura, uma palavra, uma linguagem e o próprio movimento de cartografar são lugares de passagem. E, sendo, mesmo acompanhando o processo, por exemplo, não tenho como saber que significações fagulharam numa gerente educacional ou formadora sobre a experiência. Já que estando em desvio de função, mas sendo professoras igualmente aos outros, que considerações teriam ao serem “repetidamente apontadas” como ativadoras de tais sensações nos professores por estarem a frente daquelas cobranças e quase sempre na condição prescritiva e corretiva.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Nesta argumentação, Freire pede passagem ao afirmar que o poder é domesticante. Que quando toca o sujeito o deforma, deixa-o ambíguo. Para ele, “A ideologia de poder não apenas *opaciza* a realidade, mas também nos torna míopes, para não ver claramente a realidade” (Freire, 1995, p. 13, grifo do autor). Ele ainda lamenta esta oscilação, já que o ideal é uma vez definido professor(a), sempre professor(a).

Saio igualmente desta travessia sem saber o que cada gesto, cada silêncio, cada choro de fato representou a cada professor, pois é intrínseco de cada um. E nem quero! Mas, os sentidos trazidos pela oralidade dos discursos me permitem afirmar que a prática em biblioterapia cumpriu o objetivo: prática de cuidado (Caldin; 2010), de criação vínculos e de humanização. Mais que isso, estando neste devir-formador, promover uma formação insubordinada, operar por outras vias ao considerar a inseparabilidade entre cuidado e conhecimento, apostando numa prática pedagógica lúdica, é leveza, respiro, ou como aponta Seixas (2020a, p. 246) “já tira o fardo da colonização das ideias”.

Acrescento ainda, que a biblioterapia no movimento das escrituras é um empreendimento de saúde mental. Os professores ao lerem literatura, ouvirem leituras e se provocarem à escrita como resultado do pensamento, trazem à tona novos olhares sobre si, “gerando e fomentando uma relação mais saudável com suas dores vitais, contrapondo-se a [...] mortificação do ato de criação presente no ser professor” (Rodrigues; Schwantz, 2016, p. 41).

Confesso que estar num movimento triplo (professor/formador/pesquisador), num *flanêur*(ismo), nesta experiência foi um desafio. É uma aventura se presenciar/estar como observador na travessia (pesquisador) em meio ao processo de afetações (professor - objeto de pesquisa), emaranhado no entremeio de linhas variantes como formador em contínuo ziguezague sem ser hiato. Trabalhar a biblioterapia na proposta metodológica aqui apresentada exige esta condição de mistura, uma implicação no próprio movimento de pesquisa. Tudo isso regado ao sabor do encontro, transitado na multiplicidade.

É preciso que fique claro a você leitor(a) que um objeto na pesquisa em biblioterapia quando imerso no método cartográfico é criação. “É tomado apenas como testemunho de uma vontade de viver, de durar, de crescer e intensificar a vida” (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 165). O meu esforço enquanto mediador consiste apenas em engendrar problemas. Agitar o pensamento e num

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

movimento duplo ou triplo, como aqui me fiz presente, suscitar novos mundos à medida que também busca descolar aquilo que pesa numa coreografia do desassossego de pura invenção. Com essas palavras me despeço, agradecendo sua companhia até aqui, por aceitar e se fazer escuta da partilha desta escrita sensível, minha e nossa (professores) enquanto corpos comuns e partícipes desta experiência.

Espero ter me feito compreendido a você na empreitada aqui (in)vestida: Pesquisar, intervir, formar, afetar e ser afetado. Finalizo desejoso sem saber ao certo qual, quando e onde será a próxima aposta. Mas, certo de percorrer novos trajetos, dar visibilidades a novas vivências. Nesse sentido, fico na expectativa da imprevisibilidade de novos encontros, do achado de novos territórios, do aparecimento de novas questões para novas biblioterografias.

Um forte abraço.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

ANDRADE, Lucas Veras de. Mal-estar e atividade docente: um estudo com professoras de educação infantil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.65-82, jan. /abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8726/6231>. Acesso em: 28 maio 2020.

ANDRADE, Lucas Veras de. Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia. **Biblionline**, Joao Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128-144, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/39575>. Acesso em: 18 maio 2020.

ANDRADE, Lucas Veras de; SANTOS, Maria Escolástica de Moura; LIMA, Isana Cristina dos Santos. Prática docente em formação e mal-estar: a voz do estágio supervisionado. **Acta Tecnológica**, São Luís, v.13, n 2, p. 129-146, 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ifma.edu.br/index.php/actatecnologica/article/view/669/126126156>. Acesso em: 28 maio 2020.

AXEL, Ian; VACCARINO, Chad; CAMPBELL, Mike. **Say Something**. A Great Big World. [s. l.]: (2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2U0Ivkn2Ds>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BRITO, Maria dos Remédios de; CHAVES, Silvia Nogueira. ... Cartografia... uma política de escrita. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v.7, n.1, p.167-180, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v7n1/n7a10.pdf>. Acesso em: 22 maio 2020.

CALDIN, Clarice Forkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Fouror**: escriteira em filosofia-educação. Porto Alegre: UFRGS: Sulina, 2007.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

CORAZZA, Sandra Mara *et. al.* Escriteiras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1029-1044, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v40n4/11.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021.

COSTA, Luciano Bedin da; AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912-933, set./dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045/4450>. Acesso em: 22 maio 2020.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

DESCAVES, Vidi. **18.4.2013**. (2013). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C334GDZpz-0/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

ESTEVE, José Manuel. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde do professor**. Bauru, São Paulo. EDUSC, 1999.

FURNARI, Eva. **Nós**. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. 7. ed. São Paulo: Olho d’água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha prática**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GULLAR, Ferreira. **Muitas vozes: poemas**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GUZZO, Marina *et al.* Diário dos diários: o cotidiano da escrita sensível na formação compartilhada em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/JMnpxJm6jjX3DbcgxWhHqBJ/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

INSTITUTO AIRTON SENNA. Se liga. (2022a). Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/o-que-fazemos/componentes-educacionais/se-liga/>. Acesso em: 5 maio 2024.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

INSTITUTO AIRTON SENNA. Acelera Brasil. (2022b). Disponível em:
<https://institutoayrtonsenna.org.br/o-que-fazemos/componentes-educacionais/acelera-brasil/>. Acesso em: 5 maio 2024.

MENDES, Valéria Monteiro. *et al.* Ocupações por Éticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. **Psicologia Política**, [s. l.], v. 19, n. 45, p. 351-369, maio/ago. 2019.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set. /dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v23n3/10.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidades. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922013000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 maio de 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. Escrita Epistolar – cartografias de uma epistemologia feminista. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 5, ed. especial, p.1-11, maio, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1444/946>. Acesso em 15 mar. 2021.

RODRIGUES, Carla Gonçalves; SCHWANTZ, Josimara Wikboldt. Ditos e não escritos sobre o mal-estar docente: a potência do ler e do escrever em ateliês de escrituras. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 9, n. 2, p. 28-44, mai./ago, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/23505>. Acesso em 6 mar. 2021.

ROLNIK, Suely B. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SALES, Vanessa Madrona Moreira. **Cidade – Dispositivo do olhar**: elementos para uma teoria Benjaminiana da percepção. 133f. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Paulo, Departamento de Filosofia, São Paulo, 2008. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-30032009-154312/pt-br.php>. Acesso em: 7 dez.
2023.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói:
C. Seixas, 2014.

SEIXAS, Cristiana. **Biblioterapia**: que história é essa?. (2018). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mDaU20u608g&t=1s>. Acesso em: 5 maio 2024.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e Educação: um sopro de cuidado entre
leituras. **RevistAleph**, Rio de Janeiro, n 34, p. 239-259, 2020a. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/41444>. Acesso 28 fev. 2021.

SEIXAS, Cristiana. Biblioterapia e Dança Circular: ressonâncias espirais. *In*: SEIXAS, Cristiana.
(Org.) **Quintais da Biblioterapia**: experiência na poética do cuidado. Niterói: Nome Próprio,
2020b. p.43-57.

SILVA, Haêde Gomes; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. Itinerários metodológicos de um
estudo sobre a escola como espaço e tempo de produção de saberes e aprendizagens. *In*: ARAÚJO,
Raimundo Dutra de; ARAUJO, Francisco Antônio Machado. (Org.). **Processos Metodológicos na
Pesquisa em Educação**: dispositivos de produção e análise de dados em movimento. Teresina:
EDUFPI, 2020. p. 43-57.

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt; RODRIGUES, Carla Gonçalves. Cartografia de uma Prática
Pedagógica em Variação. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e
Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 5, ed. especial, abr., 2019, artigo nº 1170. Disponível em:
<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1170>. Acesso em: 18 maio 2020.

Walker, Alan. **Faded**. Walker, Alan; SOLHEIM, Iselin. [Noruega]: Mer Musikk, 2015.

**BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a
abertura para o diálogo**

BIBLIOTEROGRAPHY OF A *FLÂNEUR* EDUCATOR: (po)etic mappings through an epistolary writing of a sensitive experience of care for others

Abstract: This text is an experiment, a map of affections in which its author, in a displacement of junctions, crossed by the different voices that compose it, presents the writing of a practice/research in bibliotherapy. Provocations that combine theoretical reflections among reports, excerpts from logbooks, literature and images (by artist Vidi Descaves) in the course of a teachers' training process. To achieve this, it is influenced by qualitative research, driven by references from the cartographic method (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). In this sense, the following problem is proposed: to what extent the encounter of bibliotherapy through writreadings with teachers experiencing symptoms of teaching malaise can help reinvent them? In the midst of it, the main aim of this study is: to situate, in cartographic lines, the symptoms of teaching malaise, proposing an experience in bibliotherapy in the production of a meeting, in order to strengthen otherness in these teachers. In this case, the idea of writreading (Corazza *et. al*, 2014) is taken as a compass to guide the work with bibliotherapy. As a narrated research, we use epistolary writing as a powerful way to materialize the contours of experiences. We believe that the writreadings in dialogue with bibliotherapy have contributed to the development of affections in the experiences lived by the teachers, making the study/practice a space-time full of developments for supposing reflections on the theme and, especially, for the construction of experiences with bibliotherapy. Finally, bibliotherapy is confirmed through practical action as a reading experience and a space of care (Caldin, 2010), in which the subject can care for themselves, for others, write themselves, invent themselves.

Keywords: bibliotherapy; teacher malaise; cartographic method; epistolary writing; sensitive experience.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo